

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



“O Rio é Bantu”. José Willian Ferreira de Paula, o Zé, “cria” do desfile da Mangueira | Foto: [Alexandre Cassiano / Agência O Globo](#)

Elos no Candomblé Banto – Resenha de *Nação Angola: Caboclos, Nkisis e as novas mediações*, de Janaína de Figueiredo

Nathaly Silva (ITP/UFS)

Resumo: *Nação Angola: Caboclos, Nkisis e as novas mediações*, de Janaína de Figueiredo, investiga como o culto ao Caboclo foi ressignificado na nação Angola, revelando sua função mediadora na identidade religiosa da Baixada Santista. O livro não aprofunda as particularidades regionais, mas destaca-se pela consistência etnográfica e crítica à hierarquização das tradições afro-brasileiras.

Palavras-chave: religião afro-brasileira; Candomblé Angola; Candomblé Banto.

A obra *Nação Angola: Caboclos, Nkisis e as novas mediações*, de autoria de Janaína de Figueiredo, foi publicada pela Pallas Editora em 2022. O livro resulta de um trabalho de campo realizado em terreiros da nação Angola, localizados na Baixada Santista, no estado de São Paulo, e tem como objetivo investigar de que forma o culto ao Caboclo foi ressignificado dentro da nação Angola, transformando-se em uma chave fundamental para a compreensão da identidade religiosa no contexto dos terreiros da Baixada Santista. Para o seu prefaciador, Vagner Gonçalves da Silva, a obra é um marco importante na produção contemporânea sobre religiões afro-brasileiras, pois problematiza a ideia que elegeu modelos de pureza nos cultos de matriz africana no Brasil e compreende o Caboclo como um elo entre ancestralidades africanas, indígenas e brasileira. Ao contrário de ruptura da legitimidade, Caboclo é elemento mobilizador de tradições em constante transformação.



Janaína Figueiredo é pós-doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestre em História pela UNESP. É Makota e filha de um Tata de Nkisi. A obra justifica-se pela necessidade de compreender como os praticantes da nação Angola constroem sentidos a partir da cosmogonia banta e de suas interlocuções com os debates contemporâneos sobre o Candomblé. Nesse processo, a autora explicita os dilemas de quem nasce no terreiro e, simultaneamente, precisa adotar o distanciamento necessário para construir uma pesquisa acadêmica. O texto vincula-se ao campo dos estudos afro-brasileiros e, de modo

mais específico, à análise da Nação Angola em diferentes momentos históricos. O livro, resultado da tese de doutorado defendida pela autora em 2016, organiza-se em três capítulos.

No primeiro capítulo, a autora reconstrói a memória da nação Angola a partir dos relatos de lideranças religiosas e das narrativas presentes no campo dos estudos afro-brasileiros. Nesse percurso, dialoga com as obras de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Melville J. Herskovits e Roger Bastide para compreender como se estruturaram os estudos sobre as religiões de matriz africana, sobretudo a partir da tensão entre ruptura e continuidade com o continente africano e da consolidação da ideia de supremacia nagô. Essa ideia estabeleceu modelos de tradição que marginalizaram a influência banto na formação das religiosidades no contexto brasileiro. Em seguida, Figueiredo apresenta estudos mais recentes, em grande parte influenciados por Jan Vansina, que passaram a destacar o papel da África Central não apenas como um espaço de partilhas culturais, mas também cosmológicas e políticas. Tais estudos buscaram comparar o culto nagô ao culto angola e refletir sobre a formação identitária deste último; entretanto, deixaram de conferir atenção à figura do Caboclo, que permaneceu coadjuvante nas discussões observadas.

No segundo capítulo, a autora dedica sua análise ao culto do Caboclo e busca compreender como essa entidade é percebida nos terreiros pesquisados em relação aos Nkisis, ao antepassado indígena e à dualidade entre vida e morte. Assim, observa que não há uma única forma de entender o Caboclo, pois cada espaço sagrado constrói sua própria concepção, embora ele mantenha uma característica central: a de mediador entre a vida e a morte. Em alguns terreiros analisados, ocupa lugar de destaque, com assentamentos e rituais específicos, separados do culto aos Nkisis; em outros, aparece associado a Nkisis ligados à vegetação, ervas, fertilidade e encantamento, como Katendê, Angorô e Kitembo. Nesse sentido, Figueiredo (2022) aponta que as demarcações simbólicas e rituais entre Nkisi, Caboclo, vida e morte dependem não só da cosmologia, mas também das dinâmicas e narrativas próprias de cada família.

No terceiro capítulo, a autora discute como a espiritualidade dos povos Banto concebe a ancestralidade como parte do equilíbrio da força vital entre um ser supremo, as forças da natureza, os ancestrais e os antepassados – característica presente também no Candomblé. Nessa perspectiva, o culto à ancestralidade manifesta-se na memória, nos símbolos e nos rituais que reforçam o vínculo com aqueles que vieram antes, evidenciando uma dimensão simbólica na qual os ancestrais são atualizados nas práticas do presente. Desse modo, o Caboclo atua como elo que conecta tanto o culto ao antepassado, presente na experiência banta, à memória dos indígenas, sendo incorporado ao Candomblé e à Umbanda como uma figura ancestral da terra na diáspora.

A investigação de Figueiredo (2022) sobre a constituição das linhagens e a delimitação de fronteiras internas à Nação Angola, a partir de categorias como “raízes”, “troncos” e “famílias de santo”, apresentada no primeiro capítulo, é fundamental para compreender que, embora segmentem, essas categorias também mobilizam as comunidades religiosas em direção à unidade. Assim, a autora propõe que a nação Angola se estrutura com base em dois princípios dinâmicos: de um lado, a busca por uma unidade em torno do Caboclo e de certos fundamentos ancestrais; de outro, a diferenciação e proliferação de raízes e troncos, que originam múltiplos núcleos religiosos em constante disputa por signos e territórios.

Para sustentar sua análise, a autora aproxima os cenários do Candomblé paulistano e santista, buscando demonstrar tanto as convergências quanto as particularidades que marcam essas expressões locais da religiosidade afro-brasileira. Ela argumenta que o Candomblé santista dialoga com o paulistano, mas também desenvolve características próprias, tornando-se um campo fértil para compreender as reinvenções e mediações do culto angoleiro. Segundo a autora, essas diferenças manifestam-se especialmente na plasticidade conferida ao culto ao Caboclo. No entanto, a diferenciação entre os contextos paulistano e santista, embora indicada, poderia ter sido mais explorada, pois não são apresentados elementos sistemáticos que sustentem essa oposição, o que representa uma lacuna relevante, sobretudo para leitores menos familiarizados com os regionalismos do culto afro-brasileiro.

Nesse sentido, a autora utiliza as expressões “culto” e “cultura” como categorias analíticas que revelam, por um lado, a prática ritual e, por outro, o universo simbólico e identitário que orienta essas práticas. A noção de “culto” é empregada para designar a vivência religiosa estruturada em torno de entidades, como os Nkisis e os Caboclos, enquanto “cultura” aparece como o campo mais amplo no qual essas práticas ganham sentido, negociam legitimidades e enfrentam hierarquias internas e externas. Há, portanto, coerência entre o uso conceitual e o material empírico apresentado.

Nos segundo e terceiro capítulos, a autora buscou demonstrar ao leitor conexões entre os significados do culto à memória ancestral e os sentidos atribuídos ao Caboclo. A partir da etnografia de terreiros da Baixada Santista, Figueiredo observa a flexibilidade dessa figura, que pode assumir características indígenas ou africanas, representar o antepassado conforme os moldes da África banto ou ainda incorporar elementos históricos e políticos da identidade nacional brasileira. O Caboclo, nesse sentido, viabiliza o diálogo entre famílias, linhagens e até mesmo casas de diferentes nações, ao passo que marca distinções entre elas. A abordagem etnográfica sobre o Caboclo é um dos pontos altos da obra, pois revela a capacidade de captar a multiplicidade de sentidos atribuídos a essa entidade, bem como sua centralidade na articulação entre ancestralidades africanas e indígenas. A crítica implícita à marginalização do Caboclo em estudos afro-brasileiros anteriores é pertinente e confere valor analítico à noção de mediação. Contudo, a análise poderia avançar mais ao

dialogar com as contribuições da antropologia indígena contemporânea, que enriqueceriam a compreensão sobre a figura do Caboclo como ancestral da terra.

Outro aspecto positivo da obra é o destaque que Figueiredo confere às dinâmicas internas dos terreiros e aos processos de ressignificação das tradições banto. Essa perspectiva é especialmente fecunda, pois a autora evita abordagens essencialistas e demonstra, com base em dados etnográficos, o modo como os símbolos e práticas religiosas são continuamente apropriados, adaptados e recriados no cotidiano dos terreiros. Ao fazê-lo, possibilita compreender a nação Angola como um sistema dinâmico, marcado por disputas, negociações e reelaborações constantes.

Em linhas gerais, a pesquisa de campo é conduzida com rigor metodológico e sensibilidade antropológica, refletindo uma postura ética diante do objeto de estudo. O entrelaçamento entre a experiência pessoal e o distanciamento analítico confere profundidade à narrativa, especialmente ao abordar as implicações epistemológicas de se estudar uma tradição da qual se faz parte.

Assim, a obra cumpre o objetivo de evidenciar o Caboclo como mediador na construção da identidade angoleira no litoral paulista, ampliando essa perspectiva ao propor uma análise mais abrangente das tensões e continuidades presentes nos contextos históricos mobilizados durante a elaboração da pesquisa. Além disso, oferece reflexões relevantes tanto para pesquisadores das Ciências Humanas quanto para candomblecistas e demais adeptos das religiões afro-brasileiras, ao se constituir como um instrumento crítico diante da hierarquização entre as nações do Candomblé — especialmente no que diz respeito aos discursos puristas e à estigmatização da Nação Angola. Resta, portanto, reconhecer que, com esta obra, Figueiredo amplia os horizontes interpretativos e desafia os limites do que se convencionou chamar de “tradição”. O livro é um excelente recurso formativo para professores da educação básica, pesquisadores e estudantes de graduação.

Referências

FIGUEIREDO, Janaína de. *Nação Angola: Caboclos, Nkisis e as novas mediações*. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

Sumário de *Nação Angola: Caboclos, Nkisis e as novas mediações*

Termos e definições

Prefácio

Meu terreiro, minha morada

Apresentação

1. Imagens da Nação Angola no Brasil e em São Paulo

2. Vida, morte e fronteiras

3. Caboclo e ancestralidade

Considerações finais

Anexo A – Terreiros pesquisados

Anexo B – Encontro de angoleiros e eventos públicos visitados

Referências

Resenhista



Nathaly Silva é mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) e licenciada em história pela mesma instituição. Ela é integrante do Grupo de Estudos em História da África e Diáspora Africana (ANANSE-GEPHADA/UFS) e atua como mediadora cultural no Instituto de Tecnologia e Pesquisa (ITP - Brasil). ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3851598201130499>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2332-4276>; e-mail: nathaly_daianne@hotmail.com.

Para citar esta resenha

FIGUEIREDO, Janaína de. *Nação Angola: Caboclos, Nkisis e as novas mediações*. Rio de Janeiro: Pallas, 2021, 272 p. Resenha de: SILVA, Nathaly. Elos no candomblé Banto. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 26, p. 13-17, nov./dez., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).